

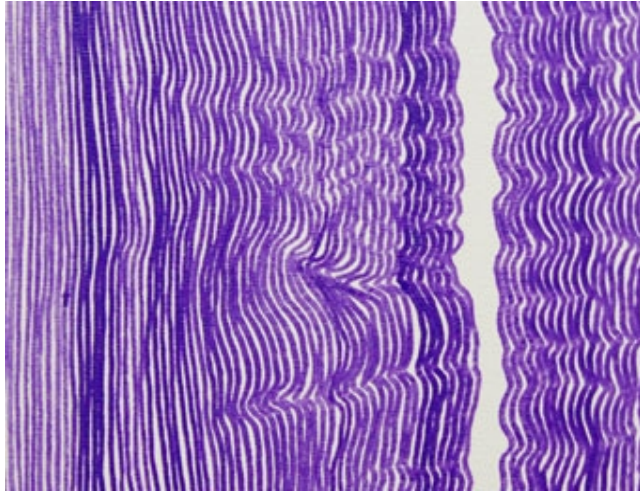
Geometria Sagrada, Experiência Sensível.

Em uma circulação generalizante pelas presenças visuais desta exposição de Mauro Bandeira, é clara a referência minimalista e construtiva. A essencialidade destas imagens deflagra de imediato, a idéia de redução, e o gesto repetitivo, trazem à tona a ênfase serial tão marcante nesta concepção de arte. Porém a leitura destas obras, não se restringe a este único prisma. A “objetividade” minimal, talvez possa ceder lugar à especulação expansiva tão comum nos nossos dias.

Ao “contemplar” estas imagens recentes, uma atmosfera de mistério é a princípio, inevitavelmente suscitada. Superfícies onduladas e convergentes para um centro comum nos remetem imediatamente às gravações rupestres nos lugares sagrados dos antigos celtas, imagens que repousam sobre a pele das rochas nas construções megalíticas de uma longínqua Europa perdida nas curvas do tempo. Suas massas, verdadeiros campos visuais de energia, constituídas de linhas delgadas e paralelas, quando seguidas pelo olhar, sempre nos levam de volta ao ponto de partida, gerando um circuito fechado de infinita circulação. Este percurso detém a capacidade de provocar uma leve vertigem que, em si, nos fazem lembrar o efeito e a função da grafia ritual Maori, um outro elemento também perdido na imensidão do oceano Pacífico. Porém este breve devaneio sobre o território da magia e de seus mecanismos indutivos cessa, e é rapidamente substituído por claras noções lógicas que se seguem, quando nos pomos a fruir as obras, pela via dos diversos instrumentos inteligíveis de leitura ali dispostos. Em suas estruturas concêntricas, como o próprio termo já indica, quando a fruição segue o sentido das áreas mais movimentadas para as mais calmas, revela-se aí, o seu sistema construtivo. Descubrem-se então no centro ou na periferia das configurações, as linhas de chamada traçadas a mão que dão sempre origem à forma acabada.

Permitir que o olhar vague sobre estas imagens-superfícies, equivale para o observador, a possibilidade experimentar e compreender os fundamentos gramaticais que estruturam e fazem acontecer esta geometria sagrada. A passagem da noção de previsibilidade das linhas iniciais de referência para a “aparição” das sutis linhas posteriores, viabilizadas pela inflexão das direções do gesto repetitivo; orienta-nos, a meu ver, para a questão central que permeia a poética deste artista. Temos então uma imagem iniciada pelo princípio da aplicação do gesto disciplinado, que no seu andamento, acrescenta o “erro” multiplicado, implícito nas limitações do mecanismo do corpo humano. Como consequência imediata deste procedimento, novas direções que não foram projetadas são percebidas. Tais aparições reforçam a idéia de que Mauro Bandeira foi seduzido pela hesitação que reside e transita entre o previsível e o inusitado.

Resta-nos então indagar, até quando estes segredos da causalidade, sem decifração, estarão fora do reconhecimento que a experiência da arte possibilita alcançar sobre o *a priori*? Seja bem vindo Mauro Bandeira, a arte e a cultura contemporânea aguardam ansiosamente os seus novos matemáticos.



Desenho, caneta acrílica sobre papel